

Milliet não vê crise no País

Presidente do BC garante que recessão é coisa do passado

São Paulo — O comércio já não encontra problemas. Os automóveis zero estão sendo vendidos normalmente. Ninguém vai perder dinheiro na poupança, em junho. No mundo real, nada disso parece estar ocorrendo, mas é assim que vê as coisas o presidente do Banco Central, Fernando Milliet. No banquete de ontem, em São Paulo, oferecido pelas empresas distribuidoras de valores, Milliet garantiu que a recessão é coisa do passado, ou melhor, da gestão Funaro. Desde o Plano Bresser, disse ele, "a economia está em franca recuperação".

Exemplo dessa tendência, para ele, é "a recuperação nas vendas de veículos e eletrodomésticos". Mas as montadoras estão demitindo, e os salários foram congelados, atacaram os repórteres. Milliet não se abalou e garantiu que haverá "readmissões", pois em julho começará a "inversão da tendência recessiva".

O primeiro passo será dado no fim da próxima semana ou no início da outra, quando o ministro Bresser Pereira revelará o seu tão esperado Plano de Consistência Macroeconômica. O plano vai mostrar os objetivos prioritários da política econômica, e será apresentado ao FMI.

No segundo semestre, adiantou Milliet, "haverá uma pequena revolução fiscal", necessária para o Governo "recuperar a carga fiscal líquida". Alguém poderia pensar que os impostos vão aumentar. Pode ser, disse Milliet, "Mas não os impostos dos trabalhadores e da classe média". Outras medidas também podem recuperar "a carga fiscal líquida". O corte do subsídio do trigo é um deles. Poderão haver outros depois de julho.

Quando for recuperada a carga fiscal, "será recuperada a capacidade de investimento público", o que levará ao equilíbrio do nível de emprego e de consumo. Pelo menos no mundo de Milliet.

A negociação com os cre-

dores externos continuará sendo conduzida de forma "soberana" (como nos tempos de Funaro), mas de agora em diante também será "profissional".

FARPAS A FUNARO

Em seus discursos, o anfitrião, Ney Castro Alves, e o convidado especial, fizeram críticas ao Plano Cruzado. O presidente da Associação das Empresas Distribuidoras, Adeval, queixou-se do "desestímulo" ao mercado financeiro, durante o ano passado "e que gerou a desestabilização econômica".

Milliet lembrou que o Plano Bresser favoreceu o trabalhador ao ser anunciado no dia 12, enquanto o Plano Cruzado nasceu no dia 28, congelando os salários antes do pagamento do dia 10. Jogou outra farpa nos pais do cruzado ao afirmar que "é muito fácil dar velocidade à economia, o difícil é frear".

Milliet tentou explicar várias vezes de que maneira a poupança não perderá da inflação, em junho, sem conseguir convencer aos repórteres. Sustentou que o que muda é o período do cálculo da inflação. No tempo de Funaro, era medida entre os dias 15; agora do dia 1º ao dia 30. "Vamos voltar à fórmula original, a que sempre foi utilizada", disse o presidente do BC.

Os mais de 200 convidados não compartilhavam do entusiasmo de Milliet. Um dos maiores publicitários do País, Roberto Duailibi, contava num canto que as rádios e jornais do interior estão praticamente falidos e lamentou o corte nas verbas publicitárias do Governo: em 84, o Governo investiu 100 milhões de dólares em publicidade; este ano, não vai gastar nem 20".

Em outro salão, o banqueiro Pedro Conde, do BCN e do Conselho Monetário Nacional, torcia para o plano dar certo, com medo do que vá acontecer se ele falhar: "não quero nem pensar nisso" afirmou.